



19º Domingo depois de Pentecostes (25.09.05) Próprio 21

Primeira Leitura - Ezequiel 18.1-4, 25-32

Vs.1-4 - Há indicação de que o adágio “os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos embotaram” (ver Jr 31.29) era um sinal de cinismo – “Somos o que somos no exílio, nesta miséria, por causa das decisões errôneas tomadas no passado”. E a proibição é enfática: “como eu vivo, não repetireis mais este provérbio em Israel”. Ela parece ter dois objetivos: ativar a esperança. Eles não são vítimas de uma fatalidade, portanto, devem ter esperança. Isso é destacado por “todas as vidas são minhas”, (vs. 4). E, ao mesmo tempo, é uma chamada para a responsabilidade pessoal. Cada um é responsável perante a vida uns com os outros.

A responsabilidade se demonstra no exercício da justiça. E a vida é dinâmica. O justo de ontem pode se tornar injusto de hoje e o pecador de ontem, um justo de hoje. Não se conta a justiça praticada de ontem para cobrir a injustiça de hoje.

O que Deus quer é o novo coração, pois Ele não tem prazer na morte dos injustos. Rejeita a idéia de que Deus tem prazer na morte do injusto. A mensagem central é voltar ao Senhor da vida. Esse voltar tem, na perspectiva do Novo Testamento, sua origem e iniciativa no que o hino de Filipenses aponta. Ai está o nascedouro e direção da responsabilidade cristã, na Igreja, e na sociedade. (*Dom Sumio Takatsu*)

Epístola Filipenses 2.1-13

O texto epistolar para hoje (que sugiro encerre no verso 11), pode ser subdividido em duas partes: vs. 1-4 e vs. 5-11. Contudo, deve ser lido no contexto das orientações práticas para os filipenses (até o v. 18).

I) vs. 1-4: a igreja (eclesia: assembléia, congregação), como toda a comunidade humana, também sofre divisões internas e igualmente está vulnerável às atitudes e/ou aos interesses pessoais. Estes geram conflitos, mal-estar, divisões e a busca (pecaminosa) de alguns em tentar colocar seus interesses pessoais e particulares acima dos anseios da coletividade. Para enfrentar e superar estas infelizes divisões, Paulo faz um veemente apelo à unidade: “tenham uma só aspiração, um só amor, um só coração e um só pensamento” (v.2).

Longe de advogar a uniformidade (porque a beleza do arco-íris está, exatamente, na sua diversidade, pois, é inimaginável um arco-íris de uma cor só), o Apóstolo propõe que “cada um procure o interesse dos outros” (v. 4). Isso exige que deixemos de lado as aspirações pessoais a fim de colocar em primeiro plano o bem comum. É vergonhoso e contraditório falar em paz, harmonia, amor e inclusão quando, na prática, a comunidade está em “pé de guerra” e, a partir da dominação de algumas pessoas (inclusive falando em nome de Deus), outras são privadas e/ou



excluídas do convívio fraterno, familiar, eclesial ou social. Aqui pode-se fazer uma correlação com o Evangelho de hoje, tomando-se o exemplo pedagógico de Jesus ao mencionar e caracterizar nos "dois filhos" (a partir de suas atitudes para com o pai) aquelas pessoas que vão entrar ou não no Reino do céu (Mt 21:31).

Por isso, Paulo inicia esta perícopa a partir de uma expressão condicional SE. Portanto, SE é verdade que há um apelo em Cristo; SE é verdade que há consolação no amor; SE é verdade que há comunhão de espírito; SE vocês são bondosos e misericordiosos uns com os outros, ENTÃO, "complete a minha alegria". Ou seja, não é possível ter unidade e harmonia na comunidade sem haver respeito, veracidade e justiça nas relações comuns. São os dois lados da mesma moeda: o testemunho (externo) das cristãs e dos cristãos, para ser coerente e transformador do mundo, deve ser reflexo da práxis (intra-eclesial). Isto exige total sincronia e completa sintonia entre "fé e obras" (Tg 2) e, por isso, rezamos com o salmista: "gruía-me na Tua fidelidade e me instrui, porque Tu és o Deus da minha salvação" (Sl 25:5).

II) vs. 5-11: para dar um exemplo prático à comunidade cristã, o Apóstolo retoma este antigo hino da comunidade judaico-cristã dos tempos pré-paulinos. Cullmann fala de "um hino a Cristo composto como confissão de fé pela liturgia cristã primitiva e que talvez tenha origem nas comunidades de Damasco ou Antioquia".

Este hino enaltece a humildade, elogia a obediência e consagra a completa submissão de Cristo à vontade soberana de Deus, pois, "apesar de ter condição/natureza divina Ele não se considerou/julgou igual a Deus (v.6). Ao contrário, esvaziou-se/despojou-se a si mesmo (abandonou tudo), assumiu a condição de servo e apresentou-se como simples ser humano" (v.7). Ao invés de desmerecer esta atitude por demonstrar fragilidade, obediência e humildade (tidas como fraquezas), Paulo demonstra que é exatamente aí que repousam a fortaleza, a messianidade e o reconhecimento da filiação divina de Jesus. O "verbo de Deus" abriu mão de todo e qualquer privilégio divino para experimentar a beleza e a complexidade da vida humana. DEUS HUMANO: este é o centro da teologia da encarnação e do anúncio cristão (kerigma).

Nos vs. 8-9 a aparente obediência à terrível destruição da morte (e morte de cruz), é o caminho sobremodo espinhoso e fatal que concede a Jesus a exaltação acima de qualquer outro ser/nome. É no enfrentamento e na decisiva batalha contra a morte que Jesus proclama a ressurreição, não só de palavras ou de aparência, mas de "fato e de direito".

Conseqüentemente, no v. 10, o Apóstolo afirma que, por esta atitude de Jesus, Deus O coloca acima de tudo e de todos como Senhor (*Kyrios*, título até então só atribuído ao imperador) do universo. Portanto, de agora em diante "o joelho humano tem de se dobrar" quando alguém mencionar o nome de Cristo (Hino 232, Rei e Salvador, do Hinário Episcopal) e não mais perante o nome ou a presença do "Kyrios Kayser" (Ave, Senhor Cezar).

Finalmente, no v. 11 Paulo encerra esta perícopa apelando para que toda a boca/língua "confesse que Jesus Cristo é o Senhor". Essa confissão é pessoal e intransferível e ninguém pagará pelos pecados de alguém (Ez 18:1-4). No entanto, esta "profissão de fé" deve ser para "a glória de Deus" e não para a exaltação de quem a proclama. Deus não precisa da nossa confissão, ao contrário, nós é que



precisamos “da mediação e da defesa de Jesus” quando chegar a nossa hora de enfrentar o Supremo Juiz. (o julgador final, Ez 18:30). (Rev. Ramacés Hartwig)

Santo Evangelho - Mateus 21.28-32

O evangelho de hoje apresenta uma breve parábola, a qual se sustenta sobre alguns significativos personagens: um homem (pai), dois filhos (diferentes), publicanos, prostitutas e João Batista - um grupo bem polêmico, diga-se de passagem. A questão gira em torno de uma pergunta: quem fez/faz a vontade do Pai?

Um homem tem dois filhos, dá uma ordem e, diante dela, cada um toma uma atitude diferente. As reações dos filhos caracterizam dois grupos bem distintos:

(a) *aqueles que dizem, mas não fazem*

(b) *aqueles que fazem, mas não dizem*

Em outras palavras, o que se contrapõe são dois elementos significativos: o *discurso sem a práxis e a práxis sem o discurso*. A ênfase recai sobre o primeiro! Quem cumpre a vontade do pai é quem obedece e não quem finge que obedece – tanta clareza só podia mesmo incomodar, *antes e hoje*.

A argumentação continua derrubando normas e preceitos: de um lado coletores e prostitutas, os quais pertenciam à classe dos excluídos, dos rejeitados e depreciados em Israel, pois não observavam a lei e, portanto, estariam fora do reino dos céus; do outro, havia os chefes do povo, que se garantiam pela *obediência* da Lei – para eles, a geografia de acesso a Deus estava bem definida e, é claro, os colocava dentro do reino.

Acontece que quem supostamente cumpria a Lei era justamente quem não obedecia, e a eles Jesus compara o filho que não obedece, pois *diz que vai, mas fica*. A parábola vem justamente servir de alerta a toda postura arrogante e cheia de hipocrisia não apenas dos líderes religiosos do nosso tempo, mas todos – *daquele tempo e do nosso*.

Jesus, como de costume, vai mais longe do que a tradição podia suportar e afirma algo que era inconcebível perante a lei: coletores e prostitutas entrariam antes no reino dos céus. Como isso é possível, abrir as portas a quem não cumpre fielmente o protocolo? O próprio texto responde com um outro elemento chave: não creram em João e em sua mensagem. Tiveram os dois pressupostos, o discurso e a prática Joanina, mas não deram ouvidos. Os excluídos, porém, ouviram, creram e converteram-se.

Muitas vezes somos turrões, teimosos, irredutíveis e mesmo ouvindo inúmeras vezes a palavra de Deus, não damos um passo prático e concreto, não nos movemos ao encontro da vida e recusamo-nos a pensar em conversão como um processo constante, necessário, o qual deve estar sempre presente e visível em nós. *Crer e fazer* são duas atitudes que o Pai espera dos seus filhos. (Selma Almeida Rosa)